

ENTREVISTA COM MARCEL JOLLIVET: PERSPECTIVAS SOCIOLÓGICAS SOBRE O MUNDO RURAL¹

INTERVIEW WITH MARCEL JOLLIVET: SOCIOLOGICAL PERSPECTIVES ABOUT THE RURAL WORLD

ENTREVISTA CON MARCEL JOLLIVET: PERSPECTIVAS SOCIOLÓGICAS SOBRE EL MUNDO RURAL

Concedida A

Cimone Rozendo²

 <https://orcid.org/0000-0002-4903-0839>

Alexsandro Arbarotti³

 <https://orcid.org/0000-0002-9318-3322>

O CONTEXTO DO DIÁLOGO COM MARCEL JOLLIVET

Marcel Jollivet é um grande sociólogo francês que dedicou sua vida acadêmica à compreensão das configurações das relações sociais no mundo rural. Sob influência de Henri Mendras, de quem foi assistente no Instituto de Ciência Política, na década de 1950, defendeu, em suas inúmeras obras, a pertinência do rural como categoria analítica capaz de revelar as transformações globais das sociedades. Para ele, o rural não é um espaço à espera da urbanização (Wanderley, 2000), tampouco pode-se falar do fim do rural, mesmo no contexto de países de capitalismo avançado. O rural e o urbano são concebidos como dimensões diferenciadas das dinâmicas sociais gestadas pelo capitalismo. O rural é um fato social e, portanto, precisa ser explicado historicamente, situando-o em tais circunstâncias. Desse modo, o rural permanece nas sociedades industrializadas de uma maneira particular e específica. Cabe à Sociologia Rural traduzir tais processos, a partir de um rigoroso trabalho científico que envolve o diálogo com outras áreas do conhecimento, aliado a uma vigorosa pesquisa de campo. Jollivet advoga que a atual crise ambiental, por exemplo, posiciona o rural como um espaço privilegiado da interação com a natureza.

¹ Marcel Jollivet é sociólogo e um dos principais nomes da Sociologia Rural Francesa. Aposentado do *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS), foi diretor do (LADYSS) *Laboratoire Dynamiques Sociales et Recomposition des Espaces* e é atualmente editor da *Revista Nature, Sciences, Société*. Integrou, nos anos de 1980, o PIREN, um dos primeiros programas governamentais da França sobre meio ambiente. Suas obras se dedicaram a compreender os efeitos das transformações globais sobre o campesinato, entre eles, a crise ambiental. Sua visão interdisciplinar inspirou diversas gerações de pesquisadores na França e no Brasil. Entrevista realizada em 29 de Março de 2016, em Nanterre, Paris X.

² Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná. Docente dos Programas de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA) e de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

³ Pós-doutorando no Laboratoire Eau, Environnement et Systèmes Urbains (Leesu) na École des Ponts ParisTech. Doutor pelo Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos com bolsa da FAPESP (2018).

Mesmo que a população não seja predominantemente rural, grande parte dos territórios são constituídos pelo rural e é onde estão os recursos naturais. Então não é possível compreender a complexidade dessas transformações se operamos apenas com estatísticas. É preciso ir fundo, revelar a “carne viva” desta realidade social. Esse é o papel do sociólogo.

Marcel Jollivet foi, por muitos anos, diretor do grupo de pesquisa *Laboratoire Dynamiques Sociales et Recompositions des Espaces* – LADYSS, com sede na Universidade de Paris X, Nanterre. Nessa ocasião, recebeu diversos brasileiros, estudiosos do rural, sendo também orientador da tese de doutoramento de muitos deles⁴, em especial, sua primeira orientanda, no ano de 1970, Maria Baudel Nazareth Wanderley, um dos grandes nomes da Sociologia Rural, a quem Jollivet credita a responsabilidade pela difusão de suas ideias no Brasil. Jollivet chegou a ministrar algumas aulas em Universidades brasileiras, em virtude da organicidade de sua relação com pesquisadores do país.

No ano de 2001, Marcel Jollivet se aposentou, mas continuou o trabalho como editor da Revista *Nature, Sciences Société*. Em 2015, quando realizei meu pós doutorado no LADYSS,⁵ Marcel, aos 80 anos, era presença constante às terças-feiras, nos chás das 16h, no Laboratório. Com uma enorme simpatia e paciência, conversava com todo mundo e se interessava por tudo. Dividia sua atenção entre os renomados estudiosos e os pesquisadores jovens que por lá passavam, encorajando-os nos estudos e nos desafios do idioma. Depois de ter acessado muitos dos escritos do autor Jollivet, foi na sala de chá que me deparei com sua figura humana. Após diversos encontros em que conversamos sobre seu trabalho, propus-lhe uma entrevista, ao que ele concordou prontamente.

Convidei um colega brasileiro para me auxiliar na logística e na condução da conversa. Jollivet nos recebeu nas novas instalações do LADYSS, onde ainda operavam diversas máquinas com ruídos por todas as partes. Muito descontraído e com um sorriso largo no rosto, o Professor Jollivet não se abateu em nenhuma das vezes que nosso diálogo foi interrompido, retomando sua fala sempre de onde havíamos parado, numa lucidez incrível. Ao final, enquanto nos despedíamos e agradecíamos a acolhida, ele nos disse em tom afável: “é uma pena vocês já estarem indo embora. Como dizem os brasileiros, já estou com saudades!”

⁴ Marcel Jollivet também foi orientador de José Vicente Tavares, Jalcione Almeida, entre outros. Wanderley (2002) destaca como os acordos de cooperação CAPES/COFECUB oportunizaram um intercâmbio sistemático entre LADYSS e pesquisadores brasileiros, contribuindo também para a divulgação das obras de Jollivet.

⁵ Os autores agradecem o apoio da CAPES e do CNPq na concessão das Bolsas de Pós Doutorado Sênior e Doutorado Sanduíche no exterior, o que permitiu a realização desse trabalho.

É uma parte da experiência dessa grande figura intelectual e humana, que ainda hoje, aos 85 anos, segue rotina de trabalho e partilha, que buscamos expressar nesta entrevista que foi recentemente traduzida⁶.

ENTREVISTA

CR: *Bom dia Marcel! Obrigada por nos receber. A ideia de fazer essa entrevista com você se deve à importância que seu trabalho tem não apenas aqui na França, mas também no Brasil. Suas obras tiveram bastante influência sobre várias pesquisas lá realizadas!*

MJ: Isso graças à Nazareth. É o trabalho dela que é importante! Ela que fez isso!

CR: *Sim, eu também crédito parte desta importância a ela. Nazareth é uma espécie de mediadora de seu trabalho. Mas o que quero dizer é que suas reflexões, mesmo que lidas, em princípio, a partir de Nazareth, deram a nós muitas ferramentas para fazer uma leitura social das questões do rural no Brasil. Você poderia nos contar um pouco da sua trajetória? Como você se tornou um sociólogo rural? Como a Sociologia se apresentou a você?*

MJ: Há um texto em um dos livros do grupo *Petite Paysannerie*⁷ que pode ser útil para responder essas questões, mas tentarei resumi-lo.

Nasci e passei toda minha infância em um vilarejo e, por circunstâncias familiares, eu vim para Paris com onze anos. Eu estava muito integrado ao mundo rural, ambiente social que passei toda minha infância. Isso é incontestável, minha família era formada de pequenos agricultores e trabalhadores agrícolas, portanto de origem modesta. E eu observava as relações sociais que existiam entre a pequena e a grande agricultura, uma vez que eu habitava uma região chamada *La Beauce*, que fazia parte da bacia Parisiense cerealista, e lá é onde se encontra a grande agricultura. Entretanto, minha família fazia parte da pequena agricultura familiar e eu presenciava cotidianamente a realidade das relações sociais entre essas duas classes de agricultores, isso me marcou muito.

Então, quando cheguei em Paris, completei meus estudos no Lycée e, ao sair, me questioneei sobre o que iria fazer. Hesitei entre duas opções: ingressar no que chamávamos de “Escola Nacional da França Ultramarina”, que preparava os futuros administradores das colônias francesas. Nessa época, a França ainda tinha colônias, estávamos no fim dos anos 1950. Essa situação também serviu para aumentar minha

⁶ Os autores agradecem a gentileza de Luara Rozendo pelos trabalhos de transcrição e tradução da entrevista.

⁷ Jollivet se refere ao artigo publicado originalmente em *Ruralia*, Revista da Associação dos Ruralistas Franceses (ARF), traduzido por Maria Nazareth Wanderley, com o tema: Vocações Atuais da Sociologia Rural, publicado em 1998, na Revista Estudos Sociedade e Agricultura.

consciência acerca das desigualdades sociais que poderia haver nesses países devido à presença da França. Então era essa minha ideia. Depois de muito tempo refletindo, eu pensei: até que eu consiga o diploma que me permita atuar nessa área, não haverá mais colônia, pois era o grande período de descolonização. Então me senti perdido, sem saber o que fazer no Instituto de Estudos Políticos (Sciences Po). Estava totalmente sem projeto, fora o de me cultivar política e intelectualmente. Sempre tive essa preocupação, isso vem de minha infância, a de que a sociedade era uma questão a se pensar, que havia desigualdades e deveríamos nos posicionar frente a isso.

Nesse tempo no Instituto de Estudos Políticos, por acaso, e em bom momento, encontrei Henri Mendras, que era professor de lá. Me inscrevi em seu curso e o fiz. Ele me pediu que fizesse um estudo sociológico da minha cidade natal, na verdade, do *Canton*. Isso quer dizer, o conjunto de comunas que foram reagrupadas na primeira estrutura administrativa francesa, que é o *Canton*.

Então eu o fiz e deu certo. Ele gostou muito, tanto que o trabalho ganhou lugar na obra publicada com Jacques Fauvet, que se chama *Les paysans et la politique*⁸. A partir daí, eu pensei que já tinha um trajeto traçado que era o de me formar para me tornar um sociólogo da agricultura e do mundo rural. Então me graduei em Sociologia na Universidade de Paris sempre trabalhando com Mendras. Ele praticamente não tinha ninguém trabalhando com ele, então rapidamente me teve como *vacataire* (uma espécie de bolsista) com pequenos trabalhos com duração limitada, etc. Portanto, fiz todos meus estudos na Sorbonne. Quando terminei, eu tinha um diploma em Sociologia e virei seu assistente. Mendras era pesquisador do CNRS e começou seu trabalho muito cedo, então estava sozinho nessa área de pesquisa. Dessa forma, me chamou para ser seu assistente, pois o que fizemos juntos no Instituto de Estudos Políticos foi muito bom. Assim eu adquiri um título de colaborador, não pesquisador.

Após isso, tive que partir para prestar serviço militar e, quando voltei, Mendras participava de uma grande pesquisa que se chamava “tipologia das sociedades rurais francesas”. Como eu era seu assistente, fiz parte desse trabalho, que era enorme, há muita coisa escrita sobre isso. E foi assim que me consolidei como sociólogo rural e, logo após, pesquisador, sob a supervisão de Mendras, o que me fez progredir na carreira.

CR: *Você afirma que precisamos ver a sociologia rural no quadro do desenvolvimento mais geral dos países e que o rural assume suas particularidades em cada lugar e é preciso ter atenção nisso. Como podemos localizar a importância da sociologia rural hoje face a todas as transformações em curso? Em quais aspectos a sociologia rural é ainda atual?*

⁸ Ele se refere à obra: *Les Paysans et La Politique Dans La France Contemporaine*.

MJ: Todo nosso trabalho, digo o nosso pois é o trabalho de uma grande equipe de sociólogos que trabalham com o mundo rural. Todo o nosso trabalho é o de explicar a agricultura como uma herança histórica. Nós não somos técnicos, economistas e nem agrônomos, então nós vemos a agricultura como um fato social, quer dizer, histórico. Somos sociólogos querendo explicar como a agricultura francesa é o produto de uma história, que é a história da França. Que a estrutura agrária de um país é completamente ligada à história particular deste país. Assim, é recomendado evitar generalizações rápidas. Quando fui ao Brasil para dar aulas com Michel Gervais, nos diziam que trouxemos uma análise correta das condições do rural do país. E eu dizia: não! Nós podemos, eventualmente, mostrar um método eficaz, mas não a análise, pois nós não conhecemos a realidade brasileira, não entraremos jamais na “carne viva” que foi e é a história desse país, esse é trabalho de vocês. É o trabalho da comunidade intelectual de cada país refletir sobre a própria realidade de seu país. Isso podemos fazer de uma maneira compartilhada, pois senão o diálogo fica impossível de um país para o outro. É justamente as diferenças históricas entre os países que nos farão chegar a uma matriz geral de reflexão que é de fato o objeto da Sociologia. Desse modo, nós queremos explicar que o campesinato francês é o resultado de uma história política. Ele formou a base da sociedade francesa e qualquer transformação que se pretenda precisa levar isso em consideração.

Nos anos 1960, uma década ou até mesmo seis anos depois que entrei no CNRS, aconteceu um grande movimento de modernização da agricultura. Essa modernização foi exatamente para torná-la tecnicamente mais evoluída, com estruturas agrárias condizentes com as características do instrumental que ela devia utilizar, tais como: fertilizantes, produtos contra parasitas vegetais e animais, variedades animais selecionadas e etc. Com a entrada de todas essas coisas, nós insistíamos que isso fosse feito de maneira lenta, de forma com que tudo pudesse ser assimilado. Então aparecíamos como defensores da ordem já estabelecida, ao contrário do modernismo. Esse foi o grande embate, pois nesse momento o sindicalismo agrícola na França estava completamente sob o domínio de forças sociais que queriam ir pelo caminho contrário. Isso quer dizer, de uma certa maneira, é delicado afirmar, como sociólogo, que tínhamos coisas a dizer que iam contra o que as forças sociais dominantes na esfera agrícola queriam fazer. É muito complicado, pois, no limite, nós dizíamos “Temos mais legitimidade que vocês para falar o que eles querem”, mas, ao mesmo tempo, devíamos chamar a atenção para um discurso que nos parecia ideológico. Esse era o nosso trabalho.

A imagem de que “todos os agricultores se beneficiariam do progresso tecnológico, que todos estão felizes em um mundo que será mais equilibrado e socialmente mais satisfatório.” Devíamos passar o tempo criticando isso, dizendo: “Não, esse progresso vai selecioná-los necessariamente”. Então nos diziam: “não digam isso, digam o que vocês quiserem, menos isso”. Então pegamos a direção oposta do

discurso das forças políticas e sindicais, salvo a de alguns sindicatos minoritários. Esse foi um combate difícil e nós perdemos, inevitavelmente. Levando em consideração as evoluções do sistema capitalista no qual a agricultura se desenvolve, o nosso trabalho era o de demonstrar isso. Era inevitável que perderíamos a batalha e nós sabíamos que a perderíamos. Esse era o problema, quando você tem uma visão que é tirada de suas reflexões que apontam que algo dado como certo não vai acontecer, não é muito confortável. Por outro lado, isso forneceu toda uma análise sobre as condições do trabalho na agricultura, do que era o trabalho agrícola que girava majoritariamente em torno da força do trabalho familiar, etc., etc. Minha tese, em particular, era que essa força de trabalho era subordinada a outra força, do mesmo modo que a força de trabalho dos operários nas indústrias às regras do capitalismo. Isso sou como um absurdo, foi considerado como escandaloso, idiota e reacionário. Bom, me desculpem, mas isso é o que é. Depois, quando vieram as questões sobre o meio ambiente, eu passei muito rápido sobre elas, pois já havia dito anteriormente sobre isso ser uma demonstração do custo da evolução da agricultura no sistema capitalista.

O primeiro custo foi o social, ele destruiu a base camponesa, o segundo foi o ecológico, ele destruiu os recursos naturais, é o mesmo processo. É isso o que eu tento mostrar a todo custo, que a lógica do sistema resulta nesses dois efeitos que se acumulam, uma vez que o trabalho agrícola continua sendo explorado. Você só precisa ver os acontecimentos na França, principalmente as manifestações em torno de produtos de origem animal. Essa é a grande diferença entre a grande agricultura de produção vegetal e a agricultura familiar baseada na pecuária.

Tudo isso que acontece nos dá razão, mas não tem nada de reconfortante. Então, a questão hoje, para os sociólogos, é continuar essa análise aplicadas à situação atual. Não se trata de dizer que é a mesma coisa que aconteceu, não, a agricultura evoluiu consideravelmente para ambientes muito modernos. Portanto, deve-se trabalhar essas questões historicamente. Quero dizer, a partir de onde estamos na história e como abordar essas questões nos dias de hoje. O que nos obriga a uma coisa que considero fundamental: nunca remover o sistema de produção agrícola do conjunto do sistema econômico do país. Não podemos trabalhar sobre questões agrícolas ou rurais, como pesquisador, sem situá-las em um contexto, pois elas não são nada além de evoluções, consequências do que acontece em outros lugares. Então, esse vai e vem entre análises da agricultura local e global é absolutamente fundamental. Então são princípios como esse que defendemos e penso que valem a pena.

Os sociólogos rurais de hoje se detêm a adicionar, à questão social, a questão ambiental. Entretanto há um outro combate ligado a essas questões, o que é verdade para a França, porém mais complicado no contexto do Brasil, que é o de pessoas que dizem que o mundo rural não existe mais e que estamos na urbanização. Minha opinião em todo o caso é que o rural se transforma, mas que haverá

sempre o rural e o urbano, sendo duas categorias que respondem a lógicas sociais globais diferentes. Tudo isso dentro da lógica geral do capitalismo. Então, defendo a manutenção de uma especificidade do rural, comparado ao urbano, como um fato social. Existe um modelo explicativo como esse, que deve ser lembrado. Tudo o que escrevi faz parte de um quadro de análise, que deve ser compartilhado, onde cada um desliza as realidades históricas de seu país, localizando-os em relação a esse quadro geral. O que é interessante é a análise comparativa na qual vemos como as coisas acontecem aqui e lá, a mesma lógica, só que em situações de configurações históricas diferentes.

CR. *Em uma de suas obras, você sugere que o meio ambiente pode reabilitar o rural, pode fornecer um novo caminho para repensar o rural. Como você pensa essa questão nos dias de hoje? Essa hipótese se aplicou ou não à França, pois, no caso do Brasil, temos um caminho um pouco diferente. Quer dizer, a questão ambiental conseguiu estabelecer uma outra maneira de viver o rural, de trabalhar no rural, de repensar o rural?*

MJ: Ela criou, pouco a pouco, espaços de criatividade, eu diria, em resposta contra as grandes evoluções. Isso porém é minoritário, muito minoritário. A questão é saber se isso pode se tornar um tipo de força social, um movimento social, e, olhando desse modo, eu sou muito pessimista. Você já viu o filme *Demain*?⁹ Você deveria vê-lo, que explica exatamente isso. O número de pequenas experiências que acontecem por todos os lados onde a agricultura orgânica, evidentemente se apresenta sob suas diversas formas: a venda direta do produto ao consumidor, as formas de criação que utilizam totalmente raças ameaçadas de extinção, outros usos da energia do sol. Existem muitas coisas que representam um verdadeiro movimento quando damos a elas uma visibilidade que antes não existia.

Cada um em seu lugar tem sua própria experiência. Portanto, algo acontece. Com certeza a questão ambiental remete à velha agricultura, com certo número de práticas que já aconteciam. Penso a policultura, nós passamos nosso tempo explicando como a agricultura familiar recicla seus próprios produtos dentro de seu sistema. Um sistema no qual as culturas servem de alimento para os animais que são, eles mesmos, a força motriz e etc. Sendo assim um sistema integrado que levou muito tempo para ser montado, o sistema mais agroecológico existente na época. Obviamente, tudo foi por água abaixo com a modernização. Isso que insistimos em dizer. Mas tudo isso vem sendo reabilitado de uma certa maneira e levado a sério por muitas pessoas que fazem disso suas práticas diárias. E, se tecermos a paisagem que nasce a partir disso na França, ainda existe em toda parte, mas é muito pouco se comparado às grandes estruturas que dominam.

⁹ O documentário francês *Demain* (Amanhã), lançado em 2015 e produzido por Melanie Laurent e Cyril Dion, aborda a diversidade de experiências, projetos e práticas desenvolvidas por seres humanos comuns com foco na preservação.

Pense, por exemplo, em um projeto de fazenda com dez mil vacas, mesmo que não seja realizado, é de qualquer modo incrível. Há o duplo movimento, que chamamos de modernização total da agricultura, isto é, a passagem da produção extra artesanal para a produção do tipo industrial. Os transgênicos fazem parte disso, temos, de um lado, os transgênicos e, de outro, as pessoas que defendem a biodiversidade das sementes camponesas. É um estado esquizofrênico. Portanto, isso existe como tensão, mas não há foto, como se costuma dizer. Por que não falamos sobre o que pode acontecer? Não precisa ser um vidente. O sistema industrial pode ruir porque está engajado na questão energética, nas questões de reciclagem de resíduos. É essa agricultura industrial, é nuclear no campo industrial e no campo agrícola. Então, até que ponto isso pode levar a contradições? Isso vai demorar para sempre? De qualquer forma, toda a força da Europa vai na direção do desenvolvimento de estruturas muito grandes e você consegue ver bem que, quando falamos da França, da crise do porco, do leite, tudo isso, dizem “ok, mas olhem as estruturas da Alemanha, são muito mais concentradas”. São mais concentradas e utilizam mão de obra imigrante, isso é outra coisa. Portanto, a luta é desigual. O trabalho do sociólogo está nesse domínio, até mesmo o de testemunhar o que acontece para quebrar a imagem uniformizada de um sistema que vai em direção ao progresso através das tecnologias, dos investimentos monetários. Quebrar essa imagem, mas manter aberta a possibilidade de alternativas, um dia talvez ela se torne a alternativa.

Em todo caso, cada um faz um pouco a sua própria escolha. Mas acredito que existe um trabalho sociológico que é o de denunciar a racionalidade, ou melhor, a pseudo racionalidade de um sistema industrial na agricultura e de se opor a isso, sobretudo aquele que se embasa no caráter arcaico da agricultura familiar, esse é o discurso a ser quebrado, pois ele é falso e foi demonstrado que é falso.

Nós estávamos lutando do lado contrário ao do INRA (Instituto Nacional Francês de Pesquisa Agronômica), nos anos 1960, porque o INRA estava pressionando pela modernização da agricultura francesa que temos hoje. É, o INRA promoveu o uso de fertilizantes, pesticidas, sementes selecionadas e depois a seleção dos animais. Tudo aquilo que constitui o mercado da agricultura racional foi empurrado por eles. Acaba de sair um relatório de que o uso de pesticidas representam mais custos à comunidade nacional do que benefícios. Portanto eu convido a ler um artigo no *Le monde*, não faz muito tempo que saiu, ele explica que, quando falamos de melhorar a produtividade agrícola usando pesticidas, falamos dessa maneira. Bem, é verdade, irá diminuir a invasão de parasitas e de coisas como essa, então vai aumentar a produtividade, mas esquecendo todos os custos da utilização desses produtos, o que chamamos na economia de externalidades, as esquecemos. Isso é catastrófico, pois mexe com toda a população.

Mostramos também que há muitas populações morando no campo e tudo isso acontece ao lado delas. As crianças respiram agrotóxicos e fertilizantes, tudo isso por todos os meios, acabamos de demonstrar que seus cabelos estão sempre na presença de produtos tóxicos 100 vezes mais altos do que o permitido. É isso, é aí que as populações rurais são totalmente vítimas da agricultura industrial, como a população operária é vítima da indústria. É parecido. Então, a poluição da água, mas a poluição da água faz parte, a poluição dos solos, mesmo o que chamamos de aerossóis, partículas sólidas enviadas à atmosfera pelo vento, são tóxicos. Enfim, quero dizer que estamos descobrindo o que podemos considerar como evidência somente depois de 50 anos.

CR: Você mencionou que atualmente existem nas câmaras de agricultura, grupos de trabalho para manter os circuitos curtos, como forma de apoio a agricultura familiar, mas é também este estado “esquizofrênico” que faz tudo isso que você acaba de relatar. O que me impressiona é que, no Brasil, atualmente, muitas pesquisas parecem ter receio de mencionar estas forças do Estado. Uma certa dificuldade de colocar em evidência essas contradições, dado o momento político que estamos passando¹⁰. Bem, Marcel, você diz que é preciso ir a campo, que o sociólogo deve fazer este trabalho porque muita gente fica impressionada pelas imagens, pela estatística, etc. Como está essa situação atualmente na França?

MJ: Acredito que, atualmente, na França, houve um retorno ao trabalho de campo. Eu, hoje em dia, não sou mais um bom observador da sociologia rural francesa, pois estou mais no ambiente da revista *Nature*, *Sciences*, *Sociétés*. Mas penso que os economistas ficam mais nas estatísticas, mas os sociólogos vão muito a campo, e que existe até um lado quase antropológico, que pouco a pouco cresce na sociedade rural, pois é necessário entrar de verdade no cotidiano do campo. E bem, a sociedade rural se complexificou, não é apenas comunidade agrária, uma comunidade de agricultores ou camponeses.

Eu tinha uma imagem que me parecia refletir qual era a situação da sociedade camponesa tradicional: era um grupo de famílias que administrava o espaço, que em boa parte eram suas propriedades e que tinham também espaços comuns, em todas as vilas existe isso, o que chamamos de *les communs*. Notavelmente em *Montagne* (comuna francesa), mas não só lá, a Tundra Alpina são espaços tratados de maneira coletiva, as estradas, os serviços públicos e etc. É como em um imóvel onde há um sindicato de co-proprietários gerenciando. O conselho municipal é o lugar em que as famílias discutirão. Isso praticamente desapareceu, não é mais assim depois que vários povos heterogêneos se misturaram aos povos originários.

¹⁰ O segundo governo de Dilma Rousseff foi marcado pela polarização política no país e, internamente, sofria os efeitos de sua tentativa de conciliar os interesses do agronegócio e da agricultura familiar.

Então, tudo se transforma com o passar do tempo e temos que voltar a campo para observar o que está acontecendo e desmentir as pessoas que dizem que o rural não existe mais, pois elas não foram a campo e se basearam apenas nas estatísticas, na extensão do perímetro urbano etc. Certo, mas a maneira que são tecidas as realidades sociais e o espaço que as cerca é isso que é importante, pois é um objeto sociológico total, que ocupa, na França, 90% do território, falo em termos de ocupação do espaço. As populações podem não estar lá, mas o espaço está, e existem pessoas que vivem lá e são elas que o mantêm. Então você tem que reintroduzir constantemente as relações sociais e tudo o que elas proporcionam como continuidade na gestão desses espaços, isso é muito importante. Senão esses espaços caem em desuso e são transformados em terrenos baldios. Então não haverá mais manutenção e, quando não há manutenção, imediatamente o espaço fica sujeito a inundações, erosões etc. Quero dizer, e todo esse trabalho social, que construiu tudo, nem sequer é remunerado. É um patrimônio que deve ser mantido e, portanto, para isso, você precisa do envolvimento das forças sociais locais que são capazes de assumir esse trabalho, que constantemente o fazem sem custo econômico para manter seu patrimônio individual. E tudo isso não é contado, só começa a contar quando começa a custar caro.

CR: Você nos fala sobre a possibilidade de se estabelecer uma nova relação campo-cidade, face à importância crescente da questão ambiental. Você poderia explorar um pouco isso? Acredita que o meio ambiente poderia ser o fio de Ariadne para o mundo rural?

MJ: Francamente, vou dizer que não conheço o suficiente da realidade atual. É tênue, muito fina. Portanto tudo o que eu posso dizer...os bosques são integrados na gestão de longo prazo, e então finalmente a biodiversidade fica conservada através de práticas que não tinham isso como objetivo, que eram simplesmente práticas de conservação do bem individual, o que finalmente garantiu, ao mesmo tempo, um bem comum. Assim, quero dizer que concordamos com o que foi falado anteriormente acerca de tudo que está acontecendo, que é extremamente pequeno e muitas coisas estão acontecendo, mas falar sobre isso supõe, de qualquer maneira, que eu deveria ter alguns exemplos, e eu não os tenho, porque não trabalho mais com esses temas, mas uma das facetas da conservação do ambiente sustentável é evidentemente essa. As populações urbanas que vêm se estabelecer no campo, na minha opinião, não são de maneira alguma atores dessa preservação do patrimônio. Eles vêm para aproveitar, porque gostam de ter uma bela paisagem à sua frente, uma floresta não muito longe para colher cogumelos, o que você quiser, mas eles não são atores de tudo isso, são usuários. De um certo lado, também há pessoas que fazem um “retorno às origens” e voltam ao campo para fazer isso. Sim, é um pouco de todas as facetas que existem.

CR: *Sim, como você disse, tudo está em transformação e nós veremos como isso vai funcionar... E você, Alex (ao colega que acompanhou a entrevista), tem alguma pergunta a fazer ao Marcel?*

AA: *Sim eu tenho, como você disse que muitas pessoas veem os agricultores familiares como arcaicos, como podemos pensar a transformação da agricultura considerando também o papel do conhecimento dos agricultores?*

MJ: Não sei se resta muito desse conhecimento camponês, pelo menos na França. Esta é a questão, em última análise, se eles ainda têm o que eu chamaria de cultura do trabalho artesanal camponês. Eu penso que estão todos em graus mais ou menos evoluídos. Todos eles passaram já a um estado onde há pelo menos um trator ou máquinas para fazer o trabalho. Então, de qualquer forma, os camponeses já estão em um outro universo. Talvez isso, entre os que trabalham com pecuária, seja mais presente, pois o contato com o animal demanda conhecimentos individuais sobre o animal, um saber-fazer obrigatório.

Bem, então, no final, pode haver pessoas que tentam se lançar na agricultura, uma agricultura que diremos tradicional, e, desse modo, estando forçadas a redescobrir tudo. Assim, o melhor jeito é reintroduzir conhecimentos do gênero ao que se faz no ensino agrícola, por exemplo. Além de ter estruturas que ajudam as pessoas que querem fazê-lo, permite que tenham um local de troca coletiva, de repensar, reintroduzir algumas práticas. Haveria lá professores que são as pessoas mais velhas que guardaram um pouco desse saber fazer... haveria toda uma corrente trabalhando nisso. Sobre isso... houve até pesquisas financiadas pelo Ministério do Meio Ambiente sobre sementes camponesas, por exemplo, essas sementes foram plantadas, colhidas e parte delas guardada pelo camponês para novo cultivo. Mas isso foi radicalmente apagado, pois as sementes camponesas foram proibidas e nós somos obrigados a nos sujeitar ao fornecimento industrial que fabrica semente industrial. Então, existe um movimento que se instaurou, que se chama *Mouvement des Semences Paysannes*, que defende as sementes camponesas. Dessa forma, há um lugar onde as pessoas sabem exatamente o que são as sementes camponesas, mas frequentemente não são mais os camponeses que estão lá, mas biólogos e ativistas ambientais que também aportam conhecimento para conservar tudo isso. Se não há uma vontade política forte para que essas iniciativas se tornem mais densas do ponto de vista de defesa da agricultura, isso deve ser feito no quadro de defesa da biodiversidade. Enfim, defendemos a biodiversidade e, na verdade, fazemos o contrário. Bom, essa é a esquizofrenia que falei, que permite dizer que não há a ideia de preservar o futuro. Você sabe que existem conservatórios de sementes em todo o mundo e que tudo é feito em grandes conservatórios. Temos essa ideia de que é preciso preservar o futuro, mas a maior parte do tempo a gente observa dentro das câmaras agrícolas que estes discursos são apenas álibis. Álibis para

dizer à sociedade “Sim nós preservamos o futuro, nós nos importamos com isso”, “Vejam, destinamos um lugar aos circuitos curtos”

Mas, justamente o trabalho do sociólogo, é o de desconstruir todo esse discurso que está presente para manter a situação atual e não para preparar para o que vai substituí-la. É necessário estar de olho. O trabalho do sociólogo é o de “limpar os estábulos de Aúguas”¹¹. Vocês conhecem essa expressão? É uma expressão grega, mas não importa. O que quero dizer...é que é necessário ter um discurso crítico sobre o discurso dominante com o auxílio de provas. Atacar os lugares onde a contradição está evidente, sempre trabalhando em cima de contradições, para mostrar que elas existem e duram. Como se diz, um problema jamais resolvido aparece sempre. As contradições estão aí, no corpo social, à medida que vemos coisas como essa.

As contradições existem, mas, contanto que possamos evitar resolvê-las e exista um equilíbrio de poder que faça com que um dos elementos da contradição prevaleça, nós não nos perguntamos que os problemas reais são problemas que vêm das relações de poder.

Então, quando se é sociólogo, é necessário tentar mostrar as relações de poder. Nós o fazemos no ambiente, isso não tem nada a ver, no ambiente da revista *Nature, Sciences Société*. É exatamente o que fazemos, pois toda pesquisa feita vai na direção oposta a esse desenvolvimento. Na verdade, é a pesquisa que está na origem de todas as novas tecnologias no domínio mecânico, químico, biológico... Os transgênicos, tudo isso, foi a pesquisa que nos levou a conhecer tudo isso. Portanto, desde que não voltamos à fonte das evoluções que criam tudo o que acabamos de dizer, não atacamos o coração do sistema. A pesquisa é apenas um elemento cujos resultados, em seguida, serão utilizados pelo capital. Isso é claro, mas é preciso convencer os pesquisadores que eles trabalham para o capital. Você descobre o transgênico pensando que inventou uma maravilha biológica, entretanto você produziu algo que será usado para o capital. É isso. E se você não o fizer, não terá direito à palavra. Então tudo que é feito é censurado pelo capital. É necessário ser muito enfático em nossos posicionamentos. E como estamos em um sistema em que o equilíbrio de poder está completamente do lado do capital, não devemos hesitar em agir “violentamente por meio de nossas ideias”, temos apenas meios fracos em relação a isso.

Então você tem que ser implacável, você tem que ir aonde dói. É assim que o bom pesquisador de sociologia de hoje deve fazer. Procurar onde dói. E não se preocupe, isso vai doer. Infelizmente, muitas pessoas não se preocupam, não haverá muitas pessoas concordando contigo, mas pelo menos você

¹¹ Na mitologia grega, Hércules teve de limpar os estábulos dos imensos rebanhos de Aúguas e, na sequência dessa tarefa, o rei lhe negou um pagamento prometido, dizendo-lhe que era a sua tarefa fazer o que tinha feito, sem esperar qualquer tipo de recompensa.

terá dito o que sempre disse, na minha opinião, “Eu faço o trabalho social que ajuda você, que recai sobre você”.

Merci, Marcel!

REFERÊNCIAS

- DEMAIN. Diretores Melanie Laurent e Cyril Dion. França, 2015. Disponível em: <http://www.recicloteca.org.br/videos/amanha/>. Acesso em: 24 jul. 2020.
- FAUVET, J.; MENDRAS, H. Les paysans et la politique dans la France contemporaine. *Cahiers de la Fondation Nationale des Sciences Politiques*, n 94, 1958.
- JOLLIVET, M. Agricultura e meio ambiente reflexões sociológicas. *Revista Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 24, n.e., p. 183-198, 1994.
- JOLLIVET, M. A vocação atual da Sociologia Rural. *Estudos Sociedade e Agricultura*, n. 11, p. 5-25, out. 1998.
- JOLLIVET, M. L`environnement une dimension nouvelle pour le rural. In: JOLLIVET, M. *Pour une science sociale à travers champs: Paysannerie, ruralité, capitalisme* (France xxe siècle). Paris: Éditions Arguments, 2001.
- JOLLIVET, M. (Org.). *Pour une agriculture diversifiée: arguments, questions, recherches*. Paris: L´Harmattan, 1998.
- JOLLIVET, M. (Org.). *Sciencias de la nature sciences de la societ : les passeurs de frontières*. Paris: CNRS Editions, 1992.
- JOLLIVET, Marcel. Hétérogénéité, diversité, complexité: nuances et convergences. In: JOLLIVET, M. (Org.). *Sciencias de la nature sciences de la societ : les passeurs de frontières*. Paris: CNRS Editions, 1992.
- JOLLIVET, M. Le monde rural à l`heure de l`environnement. In: JOLLIVET, M. *Pour une science sociale à travers champs: paysannerie, ruralité, capitalisme* (France xxe s cle). Paris: Arguments, 2001.
- JOLLIVET, M. Le rural et l`environnement: grille pour des analyses comparées. In: JOLLIVET, M. *Vers un rural postindustriel: rural et environnement dans huit pays européens*. Paris: L´Harmattan, 1997.
- JOLLIVET, M. Les métamorphoses d`un rural incertain. In: JOLLIVET, M. *Vers un rural postindustriel: rural et environnement dans huit pays européens*. Paris: L´Harmattan, 1997.
- JOLLIVET, M; PAVÉ, A. O meio ambiente: quest es e Perspectivas para a pesquisa. In: VIEIRA, P .F; WEBER, J. S (Org.). *Gestão de recursos naturais renováveis e Desenvolvimento: Novos desafios para a pesquisa ambiental*. São Paulo: Cortez, 1996.
- WANDERLEY, M. N. Homenagem ao professor Marcel Jollivet. *Revistas Raízes*, Campina Grande, v. 21, n 2, p. 184-194, jul./dez. 2002.
- WANDERLEY, M. N. *A Emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas: o “rural” como espaço singular e ator coletivo*. Recife: EDUFPE, 2000.